



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Mulheres imigrantes haitianas, usos de TICs e experiências de ativismo¹

Natália LedurAlles²

Denise Maria Cogo³

ESPM-SP

Resumo

No atual contexto de intensificação das migrações femininas transnacionais e de presença significativa da imigração haitiana no Brasil, o presente artigo pretende refletir sobre as dinâmicas de usos de TICs e de experiências de ativismo de mulheres haitianas no país. Fundamentada no campo conceitual de interface entre migração transnacional feminina e comunicação, o trabalho proposto constrói-se a partir de uma metodologia de caráter qualitativo que abrangeu a realização de cinco entrevistas com imigrantes haitianas nos estados de São Paulo e Santa Catarina e levantamento documental sobre suas experiências de ativismo. Os resultados apontam para o exercício de um ativismo em que a educação assume relevância nos processos de participação pública dessas mulheres, em que se observa a ocupação e criação de espaços midiáticos para tratar da realidade da imigração haitiana e se evidenciam os condicionamentos de gênero para o engajamento das imigrantes em ações ativistas.

Palavras-chave: TICs; imigração feminina; gênero; ativismo

1. Introdução

Atualmente, as migrações são um fenômeno crescente que vêm recebendo atenção midiática e gerando posicionamentos de organizações supranacionais e de governos de diversos países e entidades.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 11 – Comunicação, Consumo e Cidadania: políticas de reconhecimento, redes e movimentos sociais, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

² Bolsista de Pós-doutorado Jr. Do CNPq no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Consumo da ESPM-SP. Doutora em Ciências da Comunicação (Unisinos), mestra em Comunicação e Informação (UFRGS). Integrante do grupo de pesquisa Deslocar – Interculturalidade, Cidadania, Comunicação e Consumo. E-mail: natalia.alles@gmail.com

³ Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), São Paulo, onde coordena o grupo de pesquisa Deslocar – Interculturalidade, Cidadania, Comunicação e Consumo . <https://deslocar3ci.wordpress.com/>. Pesquisadora Produtividade 1D do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: denisecogo2@gmail.com



De acordo com relatório da Organização das Nações Unidas⁴ divulgado em janeiro de 2018, a gestão das migrações é uma das necessidades mais urgentes para a cooperação internacional na perspectiva de que essa gestão possa beneficiar os migrantes, as sociedades de acolhida e os países de origem. Segundo afirma Cristina Blanco (2006), as migrações contemporâneas têm aumentado por distintos motivos, como as desigualdades econômicas profundas existentes entre regiões, os conflitos mundiais que obrigam os sujeitos à mobilidade, o reconhecimento de que os migrantes possuem direito ao reagrupamento familiar e as mudanças ocorridas nos meios de comunicação e de transporte.

A Organização Internacional para as Migrações (OIM) acredita que, em 2015, 244 milhões de pessoas eram migrantes, o que corresponderia a 3,3% da população mundial. No Brasil, o número de imigrantes cresceu 20% entre 2010 e 2015, conforme revela o World Migration Report 2018, relatório trienal da OIM publicado em dezembro de 2017.⁵ De acordo com o relatório, 713 mil imigrantes viveriam no país, sendo 207 mil oriundos de países da América Latina. Tal crescimento é atribuído a maior projeção do Brasil no exterior e às dificuldades de entrada impostas aos migrantes pelos Estados Unidos e por países da Europa, o que levou a uma mudança nos grupos que migram para o país, conforme apontam Lucia Bógus e Maria Lúcia Fabiano (2015). Como exemplo, pode-se pensar na própria migração haitiana, que tradicionalmente não tinha o Brasil como país de destino. Além disso, as pesquisadoras observam que o Brasil tem atraído crescentemente migrantes oriundos de países vizinhos, que fogem de crises econômicas ou de conflitos políticos, como é o caso de venezuelanos que tem chegado ao país.

A imigração haitiana, foco do presente artigo, intensifica-se no Brasil a partir de 2011, após o terremoto que atingiu o país caribenho em 2010⁶. Embora a diáspora haitiana seja secular, somente nos últimos anos ganhou presença significativa no território brasileiro devido às condições econômicas favoráveis vivenciadas pelo país e à realização das obras de infraestrutura relacionadas à Copa do Mundo de 2014 e da Olimpíadas de 2016 e à crise econômica global que atingiu Europa e Estados

⁴ Disponível em <https://nacoesunidas.org/gerir-as-migracoes-e-um-dos-testes-mais-urgentes-para-a-cooperacao-internacional-diz-guterres/>. Acesso em 15 de janeiro de 2018.

⁵ Disponível em <https://nacoesunidas.org/populacao-de-migrantes-no-brasil-aumentou-20-no-periodo-2010-2015-revela-agencia-da-onu/>. Acesso em 15 de janeiro de 2018.

⁶ Embora o terremoto seja frequentemente apontado como a principal motivação para a migração de haitianos para o Brasil, esse novo fluxo migratório não pode ser compreendido como decorrência unicamente das consequências da catástrofe que agravou as já precárias condições de sobrevivência de grande parte da população haitiana. Conforme sintetizam Pimentel e Cotinguiba (2014), o fenômeno precisa ser lido em sua multidimensionalidade e à luz da própria constituição histórica do Haiti como uma nação diaspórica.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Unidos, dois destinos migratórios tradicionais da diáspora haitiana no mundo. Cabe ressaltar, ainda, a existência de vinculações culturais (a origem afrodescendente comum, a música, o futebol) e geopolíticas anteriores entre Brasil e Haiti (COGO, 2014). Entre 2004 e 2017, o exército brasileiro comandou as tropas da ONU responsáveis pela Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), atuando em questões relacionadas à segurança, à infraestrutura e à garantia das liberdades democráticas. A Missão foi alvo de sérias críticas tanto em relação à violência que marcou sua atuação quanto de sua interferência nos processos de autonomia do Haiti. Estimativas apontam para a presença, em 2017, de aproximadamente 60 a 65 mil haitianos instalados em diferentes regiões do país (Handerson, 2017), o que posiciona o Brasil como o país da América do Sul com maior presença de imigrantes haitianos e como um dos principais espaços transnacionais que integra, atualmente, a rota Sul-Sul dessa diáspora⁷, (Audebert, 2017).

A partir de 2015, com as dificuldades econômicas enfrentadas pelo Brasil e o crescimento dos índices de desemprego, muitos haitianos que viviam aqui se dirigiram a outros países, como Chile e Estados Unidos. A chegada ao poder de Donald Trump com um maior controle das fronteiras e ingresso de imigrantes gerou um novo fluxo de haitianos para o Brasil, alguns dos quais que retornaram e outros que chegaram pela primeira vez ao país.⁸ Se inicialmente os imigrantes haitianos que chegaram ao Brasil eram predominantemente homens jovens, com idade entre 23 e 34 anos, a partir de 2013, percebe-se um aumento no número de imigrantes mulheres, crianças e idosos (XIMENES e ALMEIDA, 2014).

No presente artigo, o interesse centra-se nas especificidades da imigração feminina haitiana, seus processos de inserção na sociedade brasileira, propondo refletir especialmente sobre os espaços de ativismo que engendram a partir dos usos de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). No que diz respeito às mulheres haitianas migrantes, destaca-se a existência de representações que as associam à ideia de constante gravidez e da migração como projeto de reagrupamento familiar. É importante também observar, conforme aponta a pesquisa de Handerson e Joseph (2015), que as oportunidades de trabalho para as haitianas aparecem principalmente na área de serviços domésticos, embora elas frequentemente tenham atuado em outras profissões no país de origem e possuam elevado grau de escolarização. Segundo os autores, é fundamental considerar a questão racial e a discriminação

⁷ Chile, Equador e Peru são outros três países sul-americanos com presença expressiva de haitianos.

⁸ <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2017/08/16/o-dramatico-vai-e-vem-dos-haitianos>



existente em nosso país ao pensarmos sobre as condições de vida e de trabalho encontradas por essas migrantes.

2. A (in)visibilidade das migrações femininas

No contexto de intensificação dos movimentos migratórios, as pesquisas sobre migrações têm apontado para uma ampliação do número de mulheres migrantes. Roberto Marinucci e Rosita Milesi (2016), baseados em dados da ONU de 2013, indicam que, dos imigrantes internacionais registrados naquele ano, 48% eram mulheres. Tal percentual sobe para 51,6% quando se considera apenas a América Latina e o Caribe. Apesar desse contexto de feminização das migrações vinculado ao aumento do número de mulheres migrantes, a migração segue sendo frequentemente abordada como questão masculina, da qual as mulheres participam como coadjuvantes, acompanhantes ou subordinadas ao universo dos homens (ALENCAR-RODRIGUES, STREY e ESPINOSA, 2009).

Como salienta Gláucia Assis (2007), embora migrem majoritariamente em grupos familiares, as mulheres também migram sozinhas, por distintos motivos, buscando autonomia, novas oportunidades ou fugindo de situações de violência ou discriminação. É sobre essa mudança de perfil que comentam Marinucci e Milesi (2016, s/p):

Se, no passado, mães, filhas ou irmãs costumavam acompanhar ou se reunir aos homens que viajavam para o exterior e lá permaneciam, hoje, cresce cada vez mais o número de mulheres com um projeto migratório individual, que se deslocam por razões de trabalho, não raramente como principais provedoras do lar. Essa nova tipologia de migração feminina, por vezes, é consequência da emancipação alcançada pelas mulheres nas últimas décadas; já em outros casos, o deslocamento geográfico visa, justamente, essa emancipação. A migração, portanto, pode ser sinal ou instrumento de empoderamento por parte da mulher. Mas nem sempre isso é verdadeiro. Com frequência, as mulheres, embora migrem sozinhas, carregam um projeto migratório familiar: elas devem sustentar os familiares com suas remessas.

Além disso, Carmen Gregorio Gil (2009) observa que as mulheres migrantes, especialmente as oriundas de países pobres, são constantemente representadas como uma categoria homogênea, vítimas passivas da miséria e de suas sociedades patriarcais. Também nesse sentido, Guizardi, López, Nazal e Valdebenito (2017) consideram que as mulheres migrantes sofrem o atravessamento de distintos



elementos de marginalização – a partir da noção de interseccionalidade⁹ –, de modo que vivem processos de condensação das desigualdades sociais. As representações uniformizadoras sobre as mulheres migrantes são empregadas para corroborar noções estigmatizantes, “na perspectiva de mostrar o fenômeno migratório como uma ameaça, e também como forma de legitimar a exclusão social da população migrante” (COGO, 2017, p. 183).

Assim sendo, observa-se que as questões de gênero atravessam o movimento migratório e, juntamente com outras categorias, como classe, geração e raça, configuram as oportunidades das mulheres e dos homens migrantes (ASSIS, 2007) e condicionam suas trajetórias e modos de inserção nos contextos de imigração. Isso pode ser percebido nas diferentes funções exercidas por esses sujeitos, visto que, por exemplo, é comum que sejam reservados às mulheres os trabalhos domésticos e de cuidados (de crianças, idosos, etc.) ou aqueles relacionados ao mercado do sexo, o que reforça o estereótipo de que as migrações de mulheres estariam majoritariamente relacionadas ao trabalho sexual ou às redes de tráfico de seres humanos.

Nesse sentido, a ideia de que o binarismo masculino-feminino estabelecerá lugares fixos e naturais para cada gênero (LOURO, 2011), desconsiderando singularidades e complexidades dos sujeitos, contribui para a reflexão sobre os objetivos e particularidades das mulheres nos processos migratórios, bem como para pensarmos nas possibilidades de mobilização, ativismo e nas dinâmicas de visibilidade desses sujeitos e coletivos nos países de destino. Segundo Gregorio Gil (2009), as migrantes raramente são pensadas como agentes, mesmo que venham assumindo lugares de protagonismo no espaço público, e, como demonstram Marinucci e Milesi (2016), se organizando em associações com o intuito de reivindicar direitos e ampliação da cidadania para si mesmas e para outros sujeitos e setores sociais que se encontram em situação de vulnerabilidade.

3. Migrações e usos de TICs

Considerando as haitianas como sujeitas autônomas, com histórias particulares e processos migratórios distintos, de adaptação ao Brasil e de inserção em atividades e movimentos sociais, busca-

⁹ A noção de interseccionalidade busca contemplar, como pontuam Adriana Piscitelli (2008) e Avtar Brah (2006), as múltiplas desigualdades e diferenças que afetam os modos como os sujeitos se posicionam e são posicionados na sociedade, visto que, no marco das estruturas de relações sociais, as mulheres não existem somente como mulheres, mas, no caso aqui analisado, como mulheres, migrantes, haitianas, negras, oriundas de países economicamente desfavorecidos, etc. Busca-se, portanto, pensar as desigualdades de gênero em sua articulação e interconexão com outras categorias, fugindo de um olhar essencialista. (ALLES, COGO, 2017).



se compreender os usos que fazem das TICs em suas experiências de migração e de ativismo. Entende-se aqui que, para além da grande mídia, apropriações e usos das tecnologias da comunicação abrem possibilidades para que indivíduos e grupos construam e se insiram em práticas de comunicação para o exercício da cidadania, “visando a diferentes agendas de transformação social e/ou de democratização dos processos de comunicação” (COGO, 2010, p. 82 e 83).

ElHajji e Escudero (2015) indicam que a internet vem sendo “utilizada como um espaço de reordenamento de experiências e práticas sociais e subjetivas dos imigrantes e comunidades diaspóricas” (p. 2). De acordo com os autores, as TICs possibilitam usos plurais e são empregadas para a comunicação com pessoas em seu país de origem ou em outros lugares do mundo, para o consumo de informações e de produtos comunicacionais oriundos de seus países, para a manutenção dos laços com os lugares de origem, bem como para adquirir informações sobre o local em que vivem, para compreender trâmites burocráticos e para que se mobilizem socialmente em âmbito local e global.

Para Cogo (2010), a apropriação das TICs possibilita aos migrantes a produção de espaços de experimentação para a constituição e disputa por cidadania em suas dimensões socioeconômica, política, jurídica, cultural e comunicacional. Para muitos grupos e redes migratórias, a comunicação se constitui como lugar estratégico para elaboração e distribuição de outras imagens e memórias sobre as migrações contemporâneas que se contrapõem os discursos midiáticos hegemônicos, especialmente aqueles que criminalizam os migrantes associando-os a conflito e problema.¹⁰ Pensa-se nas TICs, portanto, como instâncias importantes para o ativismo migrante, entendido como aquele constituído por experiências em que a luta pelo direito de permanência, pertencimento e mobilidade se entrelaça com dimensões culturais, políticas, sociais, econômicas e comunicacionais (COGO, 2014).

Metodologia

Para refletir sobre os usos das TICs por mulheres imigrantes na sua relação com ações de ativismo e de ampliação da cidadania, foram realizadas entrevistas em profundidade com cinco haitianas residentes no estado de São Paulo e Santa Catarina que possuem distintas experiências

¹⁰ Destacamos a existência de diversas páginas e grupos organizados por migrantes haitianos no Facebook, como O que a mídia não mostra do Haiti <https://www.facebook.com/O-que-a-m%C3%ADdia-n%C3%A3o-mostra-do-Haiti-348040275278695/?fref=ts>; Haitianos no Brasil <https://www.facebook.com/haitianosbrasil/?fref=ts>; Haitiens au Brésil <https://www.facebook.com/ayisyenbrazil/?fref=ts>.



migratórias e vivências no Brasil. As entrevistas foram complementadas com um levantamento documental na internet para coleta de materiais sobre as experiências e projetos de ativismo mencionados pelas entrevistadas

Na tabela a seguir, sintetizamos os principais dados que compõe o perfil das cinco mulheres haitianas entrevistadas

Nome ¹¹	Idade ¹²	Local de moradia	Ano de chegada ao Brasil	Profissão no Brasil
Gabrielle	34	São Paulo	2015	Professora de línguas
Kelly	28	Santo André/São Paulo	2014	Auxiliar de enfermagem
Nicole	28	Florianópolis/SC	2011	Estudante
Viviane	19	São Paulo	2013	Operadora de caixa
Marceline	30	Mauá/SP	2017	Pedreira/azulejista, Coordenadora de equipe de construção civil e reformas Artesã

As entrevistas foram realizadas entre 2014 e 2018, em pesquisas desenvolvidas pelas duas autoras do artigo¹³. É importante observar que não pretendemos traçar um panorama geral das imigrantes haitianas no país, mas compreender, a partir de uma perspectiva qualitativa, como produzem experiências de ativismo a partir dos microespaços de agenciamento que engendram em seu percurso migratório.

As entrevistadas possuem distintos tempos de permanência no Brasil¹⁴ e também migraram em situações e por motivos diferentes. Gabrielle, 35 anos, migrou sozinha, sem possuir conhecidos no país, após passar seis meses vivendo no Equador. Ela é professora de francês em uma ONG de São Paulo que contrata migrantes e refugiados como professores de idiomas, além colaborar na Missão Paz¹⁵ como professora voluntária de português. No momento da entrevista, alugava um quarto em uma casa

¹¹ Embora as cinco mulheres aqui citadas tenham consentido com a realização das entrevistas e a menção a seus nomes, optamos pelo emprego de nomes fictícios para preservar sua privacidade.

¹² A idade mencionada é a que foi informada no ano de realização da entrevista.

¹³ As entrevistas foram realizadas no âmbito de três projetos de pesquisa “Comunicação, consumo e mulheres migrantes no Brasil: ativismos, usos de TICs e cidadania” (2017-2018), financiado com bolsa de pós-doutorado Jr. do CNPq; Haitianos no Brasil - Usos de mídias e cidadania em redes migratórias transnacionais (2013-2016) e Comunicação, consumo e cidadania das migrações transnacionais: ativismos e usos da internet por haitianos e haitianas no Brasil (iniciada em 2016 e ainda em andamento), as duas últimas financiadas com Bolsa Produtividade Pesquisa do CNPq.

¹⁴ Duas entrevistadas, Nicole e Viviane, retornaram ao Haiti algum tempo após a entrevista.

¹⁵ Centro de atendimento de imigrantes situada no centro da cidade de São Paulo vinculado à Igreja Católica, onde está localizada também a Casa do Migrante.



COMUNICON2018
congresso **internacional**
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

no bairro do Cambuci, em São Paulo. No Haiti, havia trabalhado como professora em uma comunidade pobre do interior do país.

Kelly, 29 anos, estudava medicina no Haiti e, após o terremoto, foi para o Equador atraída pela promessa de uma bolsa de estudos que não se concretizou. Trabalhou como doméstica e vendedora ambulante até conseguir realizar um curso técnico em enfermagem. No Equador, conheceu seu atual esposo, também haitiano, que decidiu se mudar para o Brasil em busca de melhores empregos. Kelly chegou ao Brasil um ano após o namorado. Como não conseguiu validar seu diploma de técnica de enfermagem, fez um novo curso de auxiliar de enfermagem no país. Kelly ainda pretende concluir o curso de técnica em enfermagem, que abandonou devido ao nascimento da filha. Atualmente, mora com o marido, a filha e o sobrinho na cidade de Santo André, no bairro de Utinga, local em que vivem muitos haitianos.

Nicole, 28 anos, faz parte de um grupo de 29 estudantes haitianos que chegou ao Brasil em 2011 para cursar o ensino superior ou pós-graduação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nicole cursou cerca de três anos da faculdade de Comunicação Social no Haiti e no Brasil formou-se na faculdade de Jornalismo. Afirmou, na entrevista, ter planos de prosseguir estudando em um mestrado.

Viviane, 19 anos, havia conhecido o Brasil em 2011 e em 2013 decidiu migrar, tendo sido acompanhada por seu pai. Na época da entrevista, em 2014, trabalhava como operadora de caixa em um supermercado de Guarulhos e cursava o Ensino Médio no turno da noite, no centro de São Paulo, onde residia. Fez um curso de hotelaria e turismo em Santo André, no ABC Paulista, mas não conseguiu trabalho na área. Tinha o plano de cursar a faculdade de Medicina quando concluísse o Ensino Médio.

Por fim, Marceline, 30 anos, chegou ao Brasil em 2017, para reencontrar seu namorado, que já vivia aqui há três anos. Em seu país de origem, cursou a faculdade de Engenharia Civil, embora não tenha concluído o curso. No Brasil, segue exercendo a mesma profissão que tinha no Haiti, atuando na construção civil, especialmente como pedreira e azulejista. Atualmente, Marceline possui uma empresa de manutenção residencial e coordena uma equipe de cinco pessoas, brasileiros e haitianos. Além disso, produz artesanato que, segundo ela, mistura as culturas do Haiti e do Brasil, e o vende em algumas feiras e pela internet.

4. Os usos das TICs, agenciamento e experiências de ativismo



A partir das entrevistas, é possível observar que as TICs estão marcadamente presentes nos cotidianos e nas narrativas dessas mulheres, sendo utilizadas em questões afetivas e profissionais, bem como na busca por informações para facilitar a sua inserção e vida no Brasil. As ferramentas mais utilizadas são aplicativos como o WhatsApp, o Messenger e o Facebook, que possibilitam a comunicação com familiares e amigos que vivem no Haiti ou em outros países e permitiram, por exemplo, que Marceline e Kelly mantivessem contato frequente com seus maridos no período em que viveram em países distintos, e que a mãe de Viviane a contatasse diariamente do Haiti ou ainda nos Estados Unidos e Canadá¹⁶, diminuindo as distâncias e possibilitando que seguissem acompanhando os acontecimentos da vida familiar. No caso de Marceline, as TICs são também utilizadas para divulgação do trabalho que desenvolve, tanto na área da construção civil quanto na produção de artesanato. Ela criou uma página da sua empresa no Facebook, onde compartilha imagens dos trabalhos realizados. Além disso, divulga sua produção manual em sua página pessoal do Facebook e realiza vendas a partir do WhatsApp.

Destaca-se que, apesar das diferentes trajetórias e projetos, as cinco entrevistadas possuem alguma atuação em experiências de mobilização coletiva orientadas à melhoria de vida dos haitianos, à ampliação de direitos, ao seu reconhecimento enquanto cidadãos e à abertura de espaços para haitianos e haitianas. Das cinco entrevistadas, Nicole e Viviane participaram em experiências de ativismo mais formais e institucionalizadas. Viviane em uma associação criada para debater sobre os problemas enfrentados pela comunidade haitiana em São Paulo, e Nicole, em uma associação que congrega estudantes haitianos na cidade de Florianópolis.

A Associação dos Estudantes Haitianos da UFSC, da qual Nicole participava, congregava os imigrantes para promover discussões sobre política, para organizar eventos comemorativos referentes a datas importantes para a cultura haitiana e para estabelecer ações práticas em relação a algum conterrâneo que necessitasse de ajuda. Por sua vez, Viviane participava de uma associação chamada de Movimento dos Haitianos em São Paulo, que se reunia duas vezes ao mês para discutir iniciativas e possibilidades de apoio aos imigrantes haitianos, especialmente em demandas relacionadas à educação. A associação tinha o intuito de reunir-se com políticos para reivindicar menor burocracia para

¹⁶ A entrevistada informou que a mãe viajava frequentemente ao Canadá e EUA para compra de produtos para comercialização no Haiti.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

revalidação dos diplomas universitários no Brasil, o que permitiria aos haitianos atuar em suas áreas de formação e disputar melhores vagas de trabalho.

Na experiência pessoal de Viviane, as TICs são utilizadas constantemente em todo o processo educacional no Brasil. Através de pesquisas na internet, descobriu quais as etapas necessárias para acessar a escola, como relata:

Escola também eu acho pela internet. Escola da prefeitura. Eu acho pela internet. Eu acho diretório de ensino também pela internet. Eu vejo resultados pra dizer “onde está o diretório de ensino”. Eu escrevo na minha língua, o francês. Depois o resultado eu procuro que, eu vejo a tradução, boto na internet. Onde tem uma escola assim... [...]Eu fui lá e depois de 15 dias me deram o papel pra passar na escola e pronto.

Além disso, ela utiliza as tecnologias no processo de aprendizado, realizando pesquisas sobre os conteúdos estudados na escola e gravando as aulas para poder posteriormente traduzi-las com auxílio de ferramentas disponibilizadas na internet.

Pode-se perceber que a educação se constitui pauta central na trajetória e experiências de nossas entrevistadas, pois também na narrativa de Kelly os esforços realizados para estudar e formar-se profissionalmente possuem grande destaque, assim como na de Marceline, que deseja retomar o ensino superior no Brasil, agora no curso de Arquitetura e Urbanismo. Esse profundo interesse pelo estudo e pela ampliação dos conhecimentos é revelador sobre a migração haitiana para o país, visto que, segundo a socióloga Pâmela Marconatto Marques (2012), percebe-se no país a existência de uma crença na educação como instrumento de ascensão social. Entretanto, ela aponta que a participação de mulheres em cursos superiores no Haiti é muito baixa e concentrada principalmente na área de Enfermagem. Conforme a autora, “um problema como esse denuncia a persistência de fatores econômicos e de segurança envolvidos na decisão das mulheres de deixar o sistema escolar antecipadamente ou de optar em meio a um espectro muito estreito de carreiras” (MARQUES, 2012, p. 110). Pensando em nossas entrevistadas, é possível considerar, portanto, a educação como uma dimensão transversal em seus projetos migratórios, como um âmbito que delinea a participação pública dessas mulheres e que pauta, de modo preponderante, os usos que fazem das tecnologias, especialmente no âmbito de suas experiências de ativismo

A educação demarca a experiência de ativismo protagonizada por Gabrielle e que está relacionada à dificuldade de acesso à educação no Haiti apontada por Marques (2012). Diferentemente



das demais entrevistadas, sua atuação não se orienta à comunidade haitiana que vive no Brasil, mas tem como objetivo a intervenção no país de origem. Com apoio da organização em que trabalha como professora de francês, ela criou uma página de financiamento coletivo na internet com a finalidade de arrecadar dinheiro para a compra de um terreno e construção de uma escola na região de Corail, área economicamente desfavorecida do Haiti em que já havia trabalhado como professora voluntária após o terremoto de 2010.

Sua iniciativa, nomeada como *École no Haiti*,¹⁷ ganhou ampla divulgação tanto nas redes sociais quanto em organizações midiáticas tradicionais¹⁸. A essa visibilidade midiática e pública da proposta, a imigrante haitiana atribui o fato de ter alcançado a meta financeira inicialmente estipulada e que lhe permitiu dar início ao projeto no Haiti. Identifica-se em sua proposta a experiência de um ativismo de caráter transnacional, considerando, conforme apontam Nina Glick-Schiller, Linda Basch e Cristina Szanton Blanc (1995), que sujeitos migrantes, ao mesmo tempo em que se estabelecem no país de acolhida, podem continuar mantendo relações e conexões e influenciando eventos em seus países de origem. Nesse sentido, compreende-se que a iniciativa de Gabrielle – difundida pela internet – vai ao encontro da percepção de Cogo (2015), para quem as dinâmicas de consumo e produção comunicacional dos imigrantes ampliam as suas possibilidades de intervenção na cena pública para além do limite local e nacional, favorecendo processos de mobilização cidadã em uma perspectiva transnacional.

Outra experiência de ativismo relacionada aos usos das TICs é relatada por Kelly e aparece vinculada à constituição de espaços de produção e difusão de narrativas midiáticas e disputas de cidadania em torno das condições de vida dos imigrantes haitianos no Brasil. A convite de um amigo, Kelly participou como atriz da websérie *Superação – Projeto Vivências: Haitianos*,¹⁹ projeto em quatro episódios, produzido em 2015 pela Secretaria de Direitos Humanos e Cultura da Paz de Santo André em parceria com a Escola Livre de Cinema e Vídeo da mesma cidade. Embora siga um roteiro ficcional, a websérie foi idealizada pelo jornalista haitiano Pierre Montalais com o objetivo de mostrar à população brasileira as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes haitianos na chegada e inserção no

¹⁷Disponível em <http://juntos.com.vc/pt/ecole>. Acesso em 09 de março de 2018.

¹⁸<https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/imigrante-haitiana-que-quer-construir-uma-escola-em-seu-pais/> e <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/02/1861229-no-brasil-haitiana-faz-vaquinha-para-construir-escola-em-seu-pais.shtml>

¹⁹ Todos os episódios, exercícios de atores e makingoffsda websérie estão disponíveis em http://elcv.art.br/santoandre/videos_rel.php?id=119.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

país. Na perspectiva de Kelly, para além do tema abordado nos audiovisuais, a participação na série foi positiva por permitir que os haitianos mostrassem suas outras aptidões, desvinculando-os de estereótipos que os identificam frequentemente como trabalhadores das áreas da saúde, da construção civil e do comércio.

A partir da participação na websérie, Kelly tornou-se protagonista também da reportagem O Haiti é aqui, apresentada como história em quadrinhos e desenvolvida pela agência Pública.²⁰ Na HQ, são relatadas as trajetórias migratórias e as primeiras experiências no Brasil de Kelly e de outros dois haitianos que participaram da websérie Superação. A reportagem destaca o grande interesse demonstrado por Kelly em continuar estudando e se aprimorando, assim como todos os esforços realizados nesse sentido. Embora não seja possível afirmar a existência de um ativismo formalizado ou exercido regularmente, percebemos uma dimensão coletiva na atuação de Kelly que, a partir de apropriações das TICs, busca dar visibilidade pública à realidade da imigração haitiana no Brasil. Além disso, Kelly relatou o desejo de futuramente participar da rádio Jovens Haitianos Progressistas²¹, produzindo um programa com informações relacionadas à saúde para a comunidade haitiana.

A trajetória de Kelly, por sua vez, remete à reflexão sobre os limites da participação feminina em iniciativas de ativismo, visto que muitas mulheres ainda se encontram, em seus núcleos familiares, em posições de gênero cristalizadas que as tornam as principais e às vezes únicas responsáveis pelos cuidados com os filhos e o lar. Em nossa entrevista, Kelly revelou a necessidade de interromper o curso técnico em enfermagem após o nascimento da filha, tendo em vista que ela precisa se dedicar ao trabalho e aos cuidados com a filha e o sobrinho, que também vive com ela, enquanto o marido conclui a faculdade. Nesse sentido, podemos refletir sobre como, no caso de mulheres imigrantes que ainda possuem poucos laços no Brasil, a questão dos cuidados com a família constitui-se como limitador de determinadas participações públicas, uma vez que tais mulheres encontram poucos sujeitos com quem compartilhar tal responsabilidade. Como pontua Sandra Ezquerria (2018, p. 39),

Uma parte majoritária do cuidado resulta do esforço silencioso e invisível de famílias, sobretudo mulheres, que realizam malabarismos diários para cuidar de seus pequenos e pequenas, de seus nem tão pequenos e dos idosos, sofrendo por isso consequências cotidianas em sua saúde, em seu bem-estar e em seus projetos de vida a curto, médio e longo prazo.

²⁰ Disponível em <https://apublica.org/2016/06/hq-o-haiti-e-aqui/>

²¹ Ao chegar ao Brasil, Kelly aproximou-se de outros migrantes haitianos que viviam em Santo André que, posteriormente, formaram a rádio Jovens Haitianos Progressistas. Ver <https://goo.gl/Lzy7Kh>



Em perspectiva similar a Nicole, estudante de jornalismo em uma universidade brasileira, também relatou o seu engajamento em um projeto de uma plataforma online em que os próprios imigrantes, de todas as nacionalidades, pudessem contar suas histórias e divulgar publicações que abordassem as migrações. A jornalista apresentou uma proposta no âmbito do projeto SGB Lab, promovido pela organização Social Good Brasil.²² Conforme conta Nicole, a plataforma tinha como objetivo, através de conteúdos multimídia produzidos por sujeitos de distintos países e diferentes formações, visibilizar a imigração e os imigrantes no Brasil para além das construções dominantes de miséria e guerra que são constantemente atreladas aos processos migratórios. “Nossa proposta é de mostrar o talento dessas pessoas, de forma humanizada, porque a pessoa está atrás de um sonho, e com certeza tem os seus talentos, tem uma história que quer compartilhar com a gente, que não é necessariamente uma história de infelicidade”, salienta a haitiana. O relato evidencia, portanto, uma tentativa de deslocamento das representações vitimizantes sobre os imigrantes, que desconsideram a heterogeneidade dos sujeitos e de suas trajetórias. No momento de realização da entrevista, havia um protótipo do site da plataforma em desenvolvimento, mas ainda não disponível a visualização do público.

5. Considerações finais

No marco da heterogeneidade que constituem as trajetórias de mulheres imigrantes haitianas no Brasil, a reflexão aqui proposta permitiu evidenciar, em uma perspectiva qualitativa, a constituição de espaços de autonomia, por parte das haitianas, que abrangem dinâmicas comunicacionais de participação no espaço público. Dinâmicas que envolvem seja a inserção profissional seja o engajamento em ações ativistas de caráter mais coletivo. A partir da apropriação das TICs, ambas perspectivas são demarcadas pela relevância que assume a educação como uma dimensão transversal nos projetos migratórios assim como delineiam a participação pública dessas mulheres, configurando o próprio uso que fazem das tecnologias. No mesmo sentido, a educação torna-se o motor de algumas de suas iniciativas de ativismo, tanto em âmbito local, como é caso de Marceline, no contexto da associação de haitianos em São Paulo ou, ainda, transnacional, como o de Gabrielle, envolvida em um

²² Conforme descrição no site da organização, o Social Good é um movimento encabeçado por organizações como o Fundação das Nações Unidas, PNUD, Fundação Bill & Melinda Gates, Mashable, que tem como objetivo “inspirar, conectar e apoiar indivíduos e organizações para o uso das tecnologias, novas mídias e do comportamento inovador para contribuir com a solução de problemas da sociedade”. Disponível em <http://socialgoodbrasil.org.br/marco-conceitual>



projeto de construção de uma escola no Haiti. A apropriação das TICs possibilita, ainda, a ocupação ou criação de espaços midiáticos para abordar e dar visibilidade à realidade da imigração haitiana no Brasil, conforme observamos na experiência de Kelly, ou propor outras representações sobre as migrações contemporâneas de haitianos e de outras nacionalidades, como é o caso de Nicole.

Observa-se, contudo, que os ordenamentos de gênero que condicionam os fluxos migratórios e fazem recair sobre as mulheres a responsabilidade dos cuidados de filhos e outros familiares, também limitam os espaços de exercício de autonomia de mulheres haitianas entrevistadas, tanto no campo da formação e do exercício profissional, quanto do ativismo, segundo evidencia a experiência de Kelly.

Referências

ALENCAR- RODRIGUES, Roberta; STREY, Marlene; ESPINOSA, Leonor. Marcas do Gênero nas Migrações Internacionais das Mulheres. **Revista Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 3, p. 421-430, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822009000300016&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 07 abr. 2018.

ALLES, Natalia; COGO, Denise. Ativismos e usos de TICS por mulheres migrantes latino-americanas: o caso do coletivo Equipe de Base Warmis. In: BAENINGER, Rosana et al (Org). (Org.). **Migrações Sul-Sul..** Campinas: Nepo/Unicamp, 2018, p. 296-308. Disponível em:< http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/migracoes_sul_sul/migracoes_sul_sul.pdf>. Acesso em: 04 abril 2018.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Revista Estudos Feministas**, vol. 15, n. 3, p. 745-772, set./dez. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2007000300015&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 07 abr. 2018.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329-376, 2006. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cpa/n26/30396.pdf>> Acesso em: 07 abr. 2018.

AUDEBERT, Cédric.(2017) The recent geodynamics of Haitian migration in the Americas: refugees or economic migrants?. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**. v. 34, n. 1 p. 55-71, jan.-abril 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-30982017000100055&script=sci_arttext> Acesso em: 07 abr. 2018.

BÓGUS, Lucia; FABIANO, Maria Lúcia. O Brasil como destino das migrações internacionais recentes: novas relações, possibilidades e desafios. **Revista Ponto e Vírgula**. n. 18, p. 126-145, 2015. Disponível em:<https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/29806> Acesso em: 07 abr. 2018.

CAMPILLO, Inés; EZQUERRA, Sandra. ¿Qué hacer con los cuidados? De la Economía Feminista a la democratización de los cuidados. **Viento Sur**. n. 156, p. 339-47, fev. 2018. Disponível em:< http://vientosur.info/IMG/pdf/6-_plural_-que_hacer_con_los_cuidados-presentacion.pdf> Acesso em: 07 abr. 2018.

COGO, Denise. Comunicação e migrações transnacionais – o Brasil (re)significado em redes migratórias de haitianos. **Revista de Estudos Universitário**. v. 40, n. 2, p. 233-257, dez. 2014. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/reu/article/view/2130> Acesso em: 07 abr. 2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

. Comunicação, migrações e gênero: famílias transnacionais, ativismos e usos de TICs. **Revista Intercom**, v. 40, n. 1, p. 117-193, jan./abr. 2017. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-58442017000100177&script=sci_abstract&lng=pt> Acesso em: 07 abr. 2018.

GLICK-SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; SZANTON BLANC, Cristina. From immigrant to transmigrant: theorizing transnational migration. **Anthropological Quarterly**. n. 1, v. 68, p. 48-63, jan. 1995. Disponível em: < https://www.jstor.org/stable/pdf/3317464.pdf?seq=1#page_scan_tab_contents> Acesso em: 07 abr. 2018.

GREGORIO GIL, Carmen. Mujeres inmigrantes: colonizando sus cuerpos mediante fronteras procreativas, étnico-culturales, sexuales y reproductivas. **VientoSur**, n. 104, p. 42-54, jul. 2009. Disponível em: < <http://vientosur.info/spip.php?article3033>> Acesso em: 07 abr. 2018.

GUIZARDI, Menara; LÓPEZ, Eleonora; NAZAL, Esteban; VALDEBENITO, Felipe. Fronteras, Género y Patriarcado. Discusiones teóricas para replantear el transnacionalismo migrante. **Límite – Revista Interdisciplinaria de Filosofía y Psicología**, v. 12, n. 38, p. 22-38, 2017. Disponível em: < <http://limite.uta.cl/index.php/limite/article/viewFile/218/196>> Acesso em: 07 abr. 2018.

HANDERSON, Joseph; JOSEPH, Rose-Myrlie. As relações de gênero, de classe e de raça: mulheres migrantes haitianas na França e no Brasil. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v.9, n. 2, 2015. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/17266> Acesso em: 07 abr. 2018.

HANDERSON, Joseph. A historicidade da (e)migração internacional haitiana. O Brasil como novo espaço migratório. **Periplos – Revista de Pesquisa sobre Migrações**. v. 1, n. 1, p. 7-26, 2017. Disponível em <http://periodicos.unb.br/index.php/obmigra_periplos/article/view/27585> Acesso em: 07 abr. 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação – uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MARINUCCI, Roberto; MILESI, Rosita. **Mulheres migrantes e refugiadas a serviço do desenvolvimento humano dos outros**. 2016. Disponível em: <<http://www.migrante.org.br/index.php/migrantes2/321-artigo-mulheres-migrantes-e-refugiadas-a-servico-do-desenvolvimento-humano-dos-outros>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

MARQUES, Pâmela Marconatto. Outras Estórias Haitianas: educação, resistência e esperança no mais desconhecido dos países latino-americanos. **Revista Brasileira de Estudos Latino-americanos**, v. 2, n. 1, p. 99-112, jun. 2012. Disponível em: <http://www.iela.ufsc.br/rebela/revista/volume-2-n%C3%BAmero-2-2012/rebela/revista/artigo/outras-est%C3%B3rias-haitianas-educa%C3%A7%C3%A3o> Acesso em: 07 abr. 2018.

PIMENTEL, Marília L.; COTINGUIBA, Geraldo C.; Elementos etnográficos sobre imigração na Amazônia Brasileira: Inserção social de haitianos em Porto Velho. **Revista Temas de Antropología y Migración**. n. 7, dec. p. 31-55, 2014.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v.11, n.2, p. 263-274, jul./dez.2008. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/5247/0>> Acesso em: 07 abr. 2018.

XIMENES, Dimas; ALMEIDA, Guilherme. Brasil de volta ao imaginário de imigrantes. **Labor – Revista do Ministério Público do Trabalho**, v. 2, n. 5, p. 26-32, 2014.